

“Guiados pela estrela, caminhamos juntos” - (Mt 2,1-12)

O Evangelho dos Magos do Oriente ajuda-nos a compreender bem o que significa ser uma Igreja sinodal, isto é, uma Igreja que caminha junta, em comunhão, com participação e em missão. Os Magos veem a estrela e decidem caminhar. Não ficam parados, não se fecham nas suas crenças. A sinodalidade começa assim: escutar os sinais de Deus e pôr-se a caminho. Deus fala de muitos modos, e é preciso ter o coração aberto para perceber a sua luz.

Eles caminham juntos. Nenhum Mago vai sozinho. Conversam, perguntam, procuram ajuda. Isto fala-nos de comunhão. A fé não é um caminho individual, mas comunitário. Na Igreja, ninguém caminha sozinho: somos irmãos e irmãs que nos apoiamos, nos escutamos e nos ajudamos a discernir a vontade de Deus.

No caminho, passam por Jerusalém e encontram Herodes. Ele representa uma forma de viver a religião sem sinodalidade: centralizada no poder, fechada no medo e na desconfiança. Herodes escuta, mas não se converte; sabe, mas não caminha. Onde não há comunhão, não há vida nova.

Os Magos escutam a Palavra, acolhem a orientação e seguem adiante. Aqui vemos a participação: não são espectadores, mas protagonistas da busca. Cada um tem voz, cada um contribui, cada um se compromete com o caminho. Assim deve ser a Igreja: um espaço onde todos participam, segundo os seus dons e vocações.

Ao chegar a Belém, encontram um Menino simples, numa casa humilde. Deus não se revela no poder, mas na simplicidade. Diante de Jesus, todos se ajoelham. Na Igreja sinodal, ninguém é maior do que o outro: **todos se colocam diante do Senhor com humildade e reverência.**

Os presentes oferecidos mostram que a missão nasce da comunhão. Cada Mago oferece algo diferente, mas todos oferecem o melhor. Assim também na Igreja: a missão não é de poucos, mas de todos. Cada baptizado é chamado a oferecer os seus dons para que o Reino de Deus cresça.

Por fim, o Evangelho diz que os Magos regressam por outro caminho. Este é o sinal da missão. Quem faz uma verdadeira experiência com Jesus não volta igual. A Igreja que caminha junta regressa ao mundo transformada, levando a luz do Evangelho aos outros caminhos da vida.

Guiados pela estrela do Espírito Santo, caminhamos juntos, como os Magos, até Jesus e, com Ele, regressemos à vida como sinais de esperança. Pe. Hilário Ndumba

AGENDA

Precisamos de ti

Informamos que estão abertas as inscrições para voluntários que desejem colaborar nos diversos serviços pastorais. Convidamos os fiéis que tenham disponibilidade e espírito de serviço a colocarem os seus dons ao serviço da Igreja. Os interessados deverão contactar o cartório ou a equipa de acolhimento.

Concerto de Reis

No dia 10 de janeiro, pelas 18h00, na Igreja Paroquial do Algueirão, haverá um concerto de Reis, com a presença do Coral Allegro, sob a direção do maestro Manuel Líbano Monteiro. Entrada livre.

Livro – Quando o Céu tocou a Terra

Encontra-se disponível para venda, nos cartórios, o livro “Poemas de Natal”, da autoria do Padre José Barbosa. Esta obra reúne poemas inspirados no espírito natalício, convidando à reflexão, à fé e à vivência dos valores cristãos próprios desta época.

IV Jornada Vicarial de Liturgia

A Vigararia de Sintra irá promover a IV Jornada dedicada à liturgia sob o tema Vigília Pascal: da Páscoa à PÁSCOA da eternidade. Continuamos o caminho de preparação para o nosso encontro com algumas pistas para refletir a partir do livro “Meditações antes da Missa” de Romano Guardini. Nele encontramos ensinamentos preciosos para nos encontrarmos com o Senhor na ação litúrgica. Poderá fazer a sua inscrição a partir do seguinte Link: <https://forms.gle/YgJh1eKKMcSNKJgE8>



HOMILIA DO SANTO PADRE LEÃO XIV
Basílica de São Pedro
Quinta-feira, 1 de janeiro de 2026

Queridos irmãos e irmãs,

Hoje, Solenidade de Maria Santíssima, Mãe de Deus, início do novo ano civil, a Liturgia oferece-nos o texto de uma bênção belíssima: «O Senhor te abençoe e te guarde! O Senhor faça brilhar sobre ti a sua face e te favoreça! O Senhor volte para ti a sua face e te dê a paz!» (Nm 6, 24-26).

Esta bênção encontra-se, no livro dos Números, a seguir às indicações sobre a consagração dos nazireus, para sublinhar, na relação entre Deus e o povo de Israel, a dimensão sagrada e fecunda do dom. O homem oferece tudo o que recebeu ao Criador, que responde voltando para ele o seu olhar benigno, tal como nos primórdios do mundo (cf. Gn 1, 31).

Graças à intervenção de Deus e à resposta generosa do seu servo Moisés, o povo de Israel, a quem esta bênção se dirigia, era um povo de libertos, de homens e mulheres renascidos após uma prolongada escravidão. Era um povo que no Egito tinha usufruído de algumas seguranças – não faltava comida, nem teto, nem uma certa estabilidade –, mas à custa de ser escravo, oprimido por uma tirania que exigia cada vez mais, dando cada vez menos (cf. Ex 5, 6-7). Agora, no deserto, muitas das certezas do passado tinham-se perdido, mas em troca havia a liberdade, que se concretizava num caminho aberto para o futuro, no dom de uma lei de sabedoria e na promessa de uma terra na qual fosse possível viver e crescer sem grilhões nem correntes; em suma, num renascimento.

Assim, no início do novo ano, a Liturgia recorda-nos que cada dia pode ser, para cada um de nós, o início de uma nova vida, graças ao amor generoso de Deus, à sua misericórdia e à resposta da nossa liberdade. É bonito pensar deste modo o ano que começa: como um caminho aberto, a descobrir, no qual por graça nos podemos aventurar, livres e portadores de liberdade, perdoados e doadores de perdão, confiantes na proximidade e na bondade do Senhor que sempre nos acompanha.

Tudo isto recordamos ao celebrar o mistério da Divina Maternidade de Maria, que com o seu “sim” contribuiu para dar à Fonte de toda a misericórdia e benevolência um rosto humano: o rosto de Jesus, através de cujos olhos de criança, depois jovem e homem, o amor do Pai nos alcança e transforma.

Por isso, no início do ano, encaminhando-nos para os dias novos e únicos que nos esperam, pedimos ao Senhor que em cada momento sintamos, à nossa volta e sobre nós, o calor do seu abraço paterno e a luz do seu olhar benevolente, para compreendermos sempre mais e termos constantemente presente quem somos e a que fim maravilhoso nos dirigimos (cf. Conc. Ecum. Vat. II, Const. past. *Gaudium et spes*, 41). Ao mesmo tempo, porém, também nós lhe damos glória, com a oração e a santidade de vida, tornando-nos, uns para os outros, espelho da sua bondade. Santo Agostinho ensinava que em Maria «o criador do homem se fez homem, para que, embora Ele fosse o criador das estrelas, se alimentasse do seio de uma mulher; embora Ele fosse o pão (cf. Jo 6, 35), pudesse ter fome (cf. Mt 4,2); [...] para nos libertar, embora nós fôssemos indig-nos» (Sermo 191, 1.1).

Deste modo, ele recordava uma das características fundamentais do rosto de Deus: o da total gratuidade do seu amor, pelo qual Ele se nos apresenta – como quis sublinhar na Mensagem deste Dia Mundial da Paz – “desarmado e desarmante”, nu e indefeso, como um recém-nascido no berço. Tudo isto para nos ensinar que o mundo não se salva afiando espadas, julgando, oprimindo ou eliminando os irmãos, mas sim esforçando-se incansavelmente por compreender, perdoar, libertar e acolher todos, sem cálculos nem medos.

É este o rosto de Deus que Maria deixou que se formasse e crescesse no seu ventre, mudando completamente a sua vida. É o rosto que ela anunciou através da luz alegre e delicada dos seus olhos de mãe expectante; o rosto cuja beleza ela contemplou dia após dia, à medida que Jesus ia crescendo – criança, adolescente e jovem – na sua casa; e que depois acompanhou, com o seu coração de discípula humilde, enquanto Ele percorria os caminhos da sua missão, até à cruz e ressurreição. Para o fazer, também ela depôs todas as defesas, renunciando a expectativas, pretensões e garantias, como as mães sabem fazer, consagrando sem reservas a sua vida ao Filho que por graça tinha recebido, para que Ela, por sua vez, o doasse de novo ao mundo.

Na Maternidade Divina de Maria, observamos o encontro de duas realidades imensas e “desarmadas”: a de Deus, que renuncia a todos os privilégios da sua divindade para nascer segundo a carne (cf. Fil 2, 6-11), e a da pessoa que com confiança abraça totalmente a sua vontade, prestando-lhe, num ato perfeito de amor, a homenagem do seu maior poder: a liberdade.

Meditando sobre este mistério, São João Paulo II convidava a contemplar o que os pastores encontraram em Belém: «a serena ternura do Menino, a surpreendente pobreza em que Ele se encontra, a humilde simplicidade de Maria e de José» transformaram a sua vida, tornando-os «mensageiros de salvação» (Homilia na Missa de Maria Santíssima, Mãe de Deus, XXXIV Dia Mundial da Paz, 1 de janeiro de 2001).

Disse-o no final do Grande Jubileu do ano 2000, com palavras que nos podem fazer refletir também a nós: «Quantos dons – afirmava – e quantas ocasiões extraordinárias o grande Jubileu ofereceu aos fiéis! Na experiência do dom recebido e concedido, na recordação dos mártires, na escuta do brado dos pobres do mundo [...] também nós entrevimos a presença salvífica de Deus na história. Quase tocámos com a mão o seu amor que renova a face da terra» (*ibid.*), e concluía: «Como aos pastores que acorreram para o adorar, Cristo pede aos fiéis, aos quais concedeu a alegria do Seu encontro, uma corajosa disponibilidade a partir de novo para anunciar o seu Evangelho, antigo e sempre novo. Convida-os a vivificar a história e as culturas dos homens com a sua mensagem salvífica» (*ibid.*).

Queridos irmãos e irmãs, nesta Festa solene, no início do novo ano, prestes a concluir o Jubileu da Esperança, abeiremo-nos com fé do Presépio, qual lugar por excelência da paz “desarmada e desarmante”, lugar de bênção, no qual podemos recordar os prodígios que o Senhor realizou na história da salvação e na nossa existência, para depois partirmos, como os humildes testemunhas da gruta, «glorificando e louvando a Deus» (Lc 2, 20) por tudo o que vimos e ouvimos.

Que seja este o nosso compromisso e propósito para os próximos meses e para toda a nossa vida cristã

“CAMINHEMOS NA ESPERANÇA” - COM CRISTO, EM IGREJA SINODAL, SOMOS PEREGRINOS DE ESPERANÇA